

A dinâmica do Comércio Exterior no Grande ABC Paulista durante o período 2005-2010

Moisés Pais dos Santos¹

Resumo

A região do Grande ABC, assim como a economia brasileira, absorveu os reflexos da crise econômica e financeira mundial que se iniciou nos EUA no ano de 2008. Ao comparar dados de comércio exterior do Grande ABC no ano 2010 com o do ano 2005, constatou-se uma queda significativa (em torno de 40%) no saldo da balança comercial. Nesse mesmo período, enquanto as exportações cresceram apenas 16%, as importações avançaram 77% o que explica o aumento expressivo no saldo da corrente de comércio (40%). A tendência de deterioração do saldo da balança comercial também ocorre quando se analisa os dados para o Estado de São Paulo e para o Brasil. No estado paulista, a balança comercial apresenta saldo negativo desde o ano de 2008. Apesar dos reflexos da crise de 2008, a deterioração de indicadores do comércio exterior da região do Grande ABC teve início antes da crise, sugerindo que outras variáveis, como por exemplo, a taxa de câmbio, tem influenciado negativamente no comportamento das exportações, importações, balança comercial e participações relativas.

Palavras-chave: Grande ABC paulista, balança comercial, crise econômica

Summary

The Greater ABC region, as well as the Brazilian economy has absorbed the reflections of global financial and economic crisis that began in the U.S. in 2008. By comparing data of foreign trade of the Great ABC in 2010 with the year 2005, there was a significant drop (about 40%) in the trade balance. In the same period, while exports grew only 16%, imports advanced 77%, which explains the significant increase in the balance of trade flow (40%). The trend of deterioration in the trade balance also occurs when analyze the data to the State of São Paulo and Brazil. In the state of São Paulo, the trade balance shows a negative balance since the year 2008. Despite the repercussions of the 2008 crisis, the deterioration of foreign trade indicators of the Greater ABC region began before the crisis, suggesting that other variables, such as the exchange rate has negatively affected the performance of exports, imports, trade balance and relative shares.

¹ Economista graduado pela UEL (Universidade Estadual de Londrina) e mestre em Economia Política pela PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica). Atualmente é professor da FAE (Faculdade de Administração e Economia) da Universidade Metodista e funcionário da Prefeitura de São Bernardo do Campo.

1. Introdução

A pesquisa tem o objetivo de estudar o comportamento de algumas variáveis que afetam a dinâmica do comércio exterior no Grande ABC num momento de grande fluxo de mercadorias e capitais, característica importante da globalização, no entanto, interrompido, em partes, pela crise do ano 2008 que se iniciou nos EUA.

Escolheu-se o período 2005 a 2010 porque contempla o período anterior e posterior a crise econômica e financeira mundial que afetou o dinamismo econômico do Grande ABC no que se refere ao fluxo de mercadorias, renda e emprego, principalmente no ano 2009.

As principais variáveis utilizadas para fazer a análise são: exportações, importações, balança comercial, corrente de comércio, número de empregos. São realizadas comparações contemplando o aspecto temporal (2010 vis-à-vis 2005) e regional (Grande ABC vis-à-vis Estado de São Paulo vis-à-vis Brasil).

Os dados foram coletados nos *sites* das seguintes instituições: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) e Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA).

Este artigo está dividido em oito seções. A primeira seção, denominada “dinâmica da economia brasileira” tem o intuito de apresentar o contexto de inserção internacional do Brasil. A segunda seção aborda as principais características da região do Grande ABC. As exportações, importações, balança comercial, corrente de comércio são analisadas em seções específicas. A última seção ficou reservada para a exposição das considerações finais.

A questão norteadora da pesquisa baseia-se na seguinte pergunta: de que forma a região do Grande ABC absorveu os impactos da crise financeira e econômica que se iniciou nos EUA em 2008?

2. Dinâmica da economia brasileira

A região do Grande ABC paulista tem contribuído com cerca de 3% no valor total das exportações brasileiras e ao longo dos últimos anos tem gerado superávits na balança comercial. Diferentemente de outras regiões do país, o Grande ABC tem uma pauta de exportação baseada em produtos de valor agregado fabricados pela cadeia automotiva, química e petroquímica ao invés de *commodities* cujos preços são ditados pelas bolsas de mercadorias internacionais, portanto, sujeitas às intensas flutuações. A pauta de importação está fortemente relacionada à cadeia industrial, e, devido, a presença de grandes montadoras, muitas transações são *inter-companies*, ou seja, transação de compra e venda entre matriz e filial.

Ao longo dos últimos anos, uma característica marcante da economia brasileira tem sido o modelo de crescimento instável de baixo dinamismo traduzido em crescimento econômico baixo e volátil. Parte da explicação para tal reside na estratégia posta em prática que teve caráter minimalista limitada pelo regime fiscal, pela combinação entre juros elevados e câmbio valorizado, além da exigência de superávits crescentes. O baixo nível de recursos disponíveis para investimentos em infraestrutura e o padrão de inserção no comércio internacional baseado em *commodities* primárias e industriais também ajudam a entender esse modelo (Amitrano, 2006, p. 233-276).

O Brasil precisou realizar alterações na gestão de política econômica diante da maior integração mundial consubstanciada no aumento do movimento de capitais internacionais e enquadramento dos países emergentes no circuito de valorização do capital internacional nos anos 1990. Foi preciso decretar o fim ao isolamento das políticas domésticas. Nesses termos, a política econômica brasileira, a partir de então, teria o papel de criar as condições para implementação do novo modelo de desenvolvimento baseado na integração financeira comercial com a economia mundial (Lopreato, 2006, p. 208).

A política cambial e de comércio exterior tem o poder de afetar a renda e sua distribuição uma vez que taxa de câmbio valorizada pode contribuir para combater a inflação, no entanto, paralelamente pode contribuir para precarização no mercado de trabalho diante da maior disponibilidade de oferta de mão de obra na economia doméstica e geração de empregos na economia com quem se estabelece as relações comerciais.

A dinâmica da distribuição internacional da renda influencia as políticas cambial e de comércio exterior. A nova geografia econômica mapeia três novos elos, tendo como centros dinâmicos, a economia norte-americana e a economia chinesa, a integração intra-asiática e a relação entre os países asiáticos e os países periféricos. No primeiro elo destacam-se os recorrentes superávits comerciais em favor da China que acumula reservas em dólares e hospeda empresas americanas acarretando. No segundo elo tem-se como eixo a China que redistribui os superávits obtidos com os EUA nas relações comerciais e financeiras com outros países asiáticos, inclusive o Japão. No terceiro elo, destaca-se a relação entre os países asiáticos e os países periféricos fornecedores de *commodities* (Carneiro, 2006).

O período 1999-2002 caracterizou-se por um cenário externo desfavorável que, no entanto, estimulou a implantação de mudanças relevantes na dinâmica internacional cujos resultados ficam evidentes no período seguinte. Entre essas mudanças, destacam-se as seguintes: adoção do regime de câmbio flutuante após a crise cambial de 1998/99, o acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), as desvalorizações cambiais entre 2001 e 2002 e o aprofundamento da abertura financeira². Já o período 2003-2005 caracteriza-se pelo ambiente benigno no que se refere aos fluxos financeiros e comerciais que representaram a inserção externa da economia brasileira (Prates, 2006, p. 136).

Após déficits recorrentes no resultado global do balanço de pagamentos em função da reversão deficitária da balança comercial que também teve saldo deficitário no ano de 2001. O saldo de transações correntes passou a ser superavitário somente em 2003 quando o saldo comercial quase dobra de valor em relação ao ano anterior.

A inserção comercial da economia brasileira pode ser melhor compreendida mediante a participação do mercado de destino das exportações ao longo do período 1998-2005. Em 1998, os mercados tradicionais (Mercosul, União Européia, México, Japão, Canadá, EUA e Chile) respondiam por 79,3% do destino das exportações enquanto que os mercados não tradicionais (China, Ásia-Pacífico, África, Europa Oriental, Oriente Médio) representavam

² A abertura financeira refere-se à três aspectos: a) entrada de não-residentes no mercado financeiro doméstico e captação de recursos externos pelos residentes; b) saída de capitais pelos residentes e endividamento de não-residentes no mercado financeiro doméstico e; c) conversibilidade interna de moeda (Prates, 2006, p. 136).

19,7% nesse mesmo ano. Em 2005, a participação dos mercados tradicionais diminuiu para 67,2% enquanto a participação dos mercados não tradicionais aumentou para 31%. O perfil dessa inserção caracteriza-se por uma pauta de exportação brasileira concentrada em *commodities* agrícolas e industriais, produtos de baixa intensidade tecnológica, além de bens intensivos em trabalho e recursos naturais (Prates, 2006, p. 154-55).

O segundo mandato do Presidente Lula (2007/10) caracteriza-se por uma posição de governo mais comprometida com crescimento econômico, mesmo com uma política macroeconômica ancorada nas metas de inflação, no superávit primário e na política de câmbio flutuante. Prova disso, foi a recusa do governo brasileiro em aprofundar o ajuste fiscal e sua opção pelo lançamento do Plano de Aceleração do Crescimento (PAC) a fim recuperar o investimento público, especialmente em infraestrutura (Baltar, 2010, p.12).

O Brasil foi afetado pela crise econômica e financeira mundial de 2008 mediante três mecanismos de transmissão. O primeiro deles refere-se à diminuição do valor das exportações dada a queda da demanda externa e a diminuição dos preços das *commodities*. O segundo meio de afetar a economia brasileira foi o comportamento do crédito e da liquidez que se contraíram nas economias avançadas e no mercado financeiro internacional. O terceiro mecanismo de transmissão refere-se à intensa redução da oferta doméstica de crédito.

O Produto Interno Bruto (PIB) que vinha crescendo a uma taxa anual de 7% no terceiro trimestre de 2008 diminuiu para uma taxa anualizada de 2% no primeiro trimestre de 2009. Em novembro e dezembro de 2008, cerca de 700.000 empregos formais foram perdidos. A taxa de desemprego aumentou para 9,0% em março de 2009 (0,4 ponto percentual acima do nível em março de 2008). No setor industrial, o mais afetado pela crise, houve perda de meio milhão de empregos formais entre os meses de novembro de 2009 e março de 2010. Essas perdas foram quase 4 vezes maiores que aquelas ocorridas nos mesmos meses do ano anterior (OIT, 2010, p.1-10).

No final de 2008, a fim de enfrentar a crise internacional, diversas mudanças ocorreram na política monetária, cambial e fiscal. Dado o temor da desvalorização da moeda nacional repercutir na aceleração da taxa de inflação, o Banco Central diminuiu a taxa básica de juros

brasileira (Selic) e, também, o percentual do depósito compulsório dos bancos. Houve preocupação em usar as reservas internacionais para garantir o financiamento das exportações.

No campo da política fiscal, houve redução temporária do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) dos bens duráveis de consumo (automóveis, eletrodomésticos, materiais de construção, móveis e outros produtos) e o lançamento do programa de construção de habitações populares denominado Minha Casa, Minha Vida. A garantia de crédito aos bancos com segmento constituído pelas micro e pequenas empresas foi importante para estimular o investimento privado (Baltar, 2010, p.12).

As diversas medidas de proteção sociais já existentes foram importantes para amenizar os efeitos da crise. O programa Bolsa Família foi expandido para permitir que um número maior de famílias pobres ou extremamente pobres pudesse usufruir dos benefícios durante a crise. O direito ao seguro-desemprego teve sua direção estendida, beneficiando, assim, a maior parte dos trabalhadores que havia perdido os seus empregos com a carteira assinada. Os reajustes planejados do salário mínimo também foram mantidos (OIT, 2010, p.94).

3. Perfil econômico da região do Grande ABC paulista

A região do Grande ABC paulista é composta por sete municípios onde vivem mais de 2,6 milhões de habitantes³ com um grande potencial de consumo conforme tem apontado pesquisas recentes. A localização estratégica da região, próxima da capital do Estado Paulista, próxima aos aeroportos de Congonhas e Cumbica e porto de Santos, além da interligação fácil com trecho sul do Rodoanel Mário Covas tem dado à região uma grande vantagem comparativa para a realização do comércio exterior.

Os municípios que fazem parte da região deferem-se pela concentração diferenciada de ramos específicos da cadeia automotiva. Enquanto alguns municípios sediam grandes montadoras, outros abrigam empresas de autopeças, assessórios, química, petroquímica e prestação de

³ PMSBC (2010, p.119)

serviços. Os municípios que compõem a região são: Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Diadema, Mauá, Ribeirão Pires, Rio Grande da Serra e Mauá. Esses municípios fazem parte da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) que é composta atualmente por 39 municípios.

O Grande ABC contava, em 2008, com um PIB superior a R\$ 56 bilhões, sendo que 75% desse valor foi gerado pelos três municípios mais fortes economicamente falando: São Bernardo do Campo (R\$ 23 bilhões); Santo André (R\$ 11,6 bilhões) e São Caetano do Sul (R\$ 7,2 bilhões). Em termos de geração de riqueza, a indústria respondeu por 43%, serviços e administração pública, por 57%.

Quanto ao mercado de trabalho, segundo o Ministério do Trabalho e Emprego, em 2010, a região contava com 788.360 empregos formais, sendo 44,5% deles no setor de serviços, 33,4% na indústria, 17% no comércio e 5% na construção civil. Os trabalhadores com maior remuneração estão na indústria - uma média de R\$ 2.500,00; Construção Civil – R\$ 1.500,00; Serviço – R\$ 1.495,00, Comércio – R\$ 1.150,00.

Recentemente, apesar do parque industrial diversificado e composto por indústrias ligadas ao setor automobilístico, químico e petroquímico, dada a influência do dinamismo do comércio internacional, da crise financeira de 2008 e, também, da taxa de câmbio efetiva valorizada, o Grande ABC tem perdido participação no comércio exterior quando se toma como referencia para comparação o Estado de São Paulo e o Brasil.

4. Exportações

O Grande ABC apresentou certa estabilidade no valor das exportações ao longo do período 2005-2010. Segundo dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), enquanto no ano 2005 o valor das exportações totalizava US\$ 5,2 bilhões, no ano 2010, o total das exportações foi equivalente a US\$ 6,1 bilhões. A crise de 2008 afetou as exportações brasileiras, paulistas e da região do Grande ABC no ano 2009. Em 2010, apenas as exportações brasileiras recuperaram o valor antes do efeito da crise.

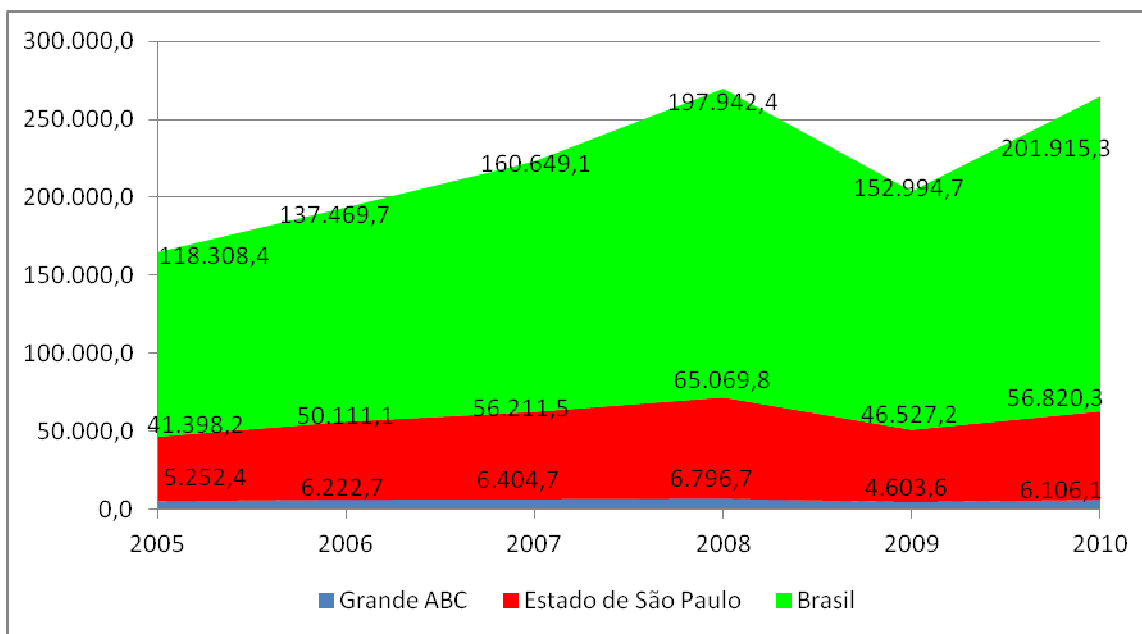


Figura 1: Exportações (em milhões US\$ FOB), Grande ABC, Estado de São Paulo e Brasil, 2005 a 2010
 Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior - MDIC/SECEX

Ao longo de cinco anos, as exportações da região do Grande ABC paulista cresceram 16%, um crescimento muito abaixo do crescimento das exportações do Estado de São Paulo (37%) e do Brasil (71%).

Tabela 1: Evolução das exportações no Grande ABC, Estado de São Paulo e Brasil, 2005 a 2010 (em milhões US\$ FOB)

Anos	Grande ABC	Estado de São Paulo	Brasil
2005	5.252,39	41.398,22	118.308,39
2006	6.222,69	50.111,07	137.469,70
2007	6.404,68	56.211,49	160.649,07
2008	6.796,72	65.069,80	197.942,44
2009	4.603,64	46.527,20	152.994,74
2010	6.106,09	56.820,33	201.915,29
Var. %	16	37	71

Fonte: MDIC/SECEX

A participação relativa do Grande ABC no valor das exportações tem diminuído ao longo do período 2005-2010. Isso sugere que outros municípios estão intensificando as relações comerciais com o resto do mundo. Em relação ao Estado de São Paulo, enquanto no ano 2005 o Grande ABC respondia por 12,69% das exportações paulistas, no ano 2010, a participação da região caiu para 10,75%. Em relação ao Brasil, em 2005, o Grande ABC respondia por 4,44% das exportações brasileiras e no ano 2010, a participação caiu para 3%. A crise de 2008 não foi o fator determinante para essa tendência de queda da participação relativa, pois, no

ano 2007, verificação o menor participação do Grande ABC tanto no total das exportações do estado paulista quanto no total das exportações brasileiras em relação ao ano de 2005.

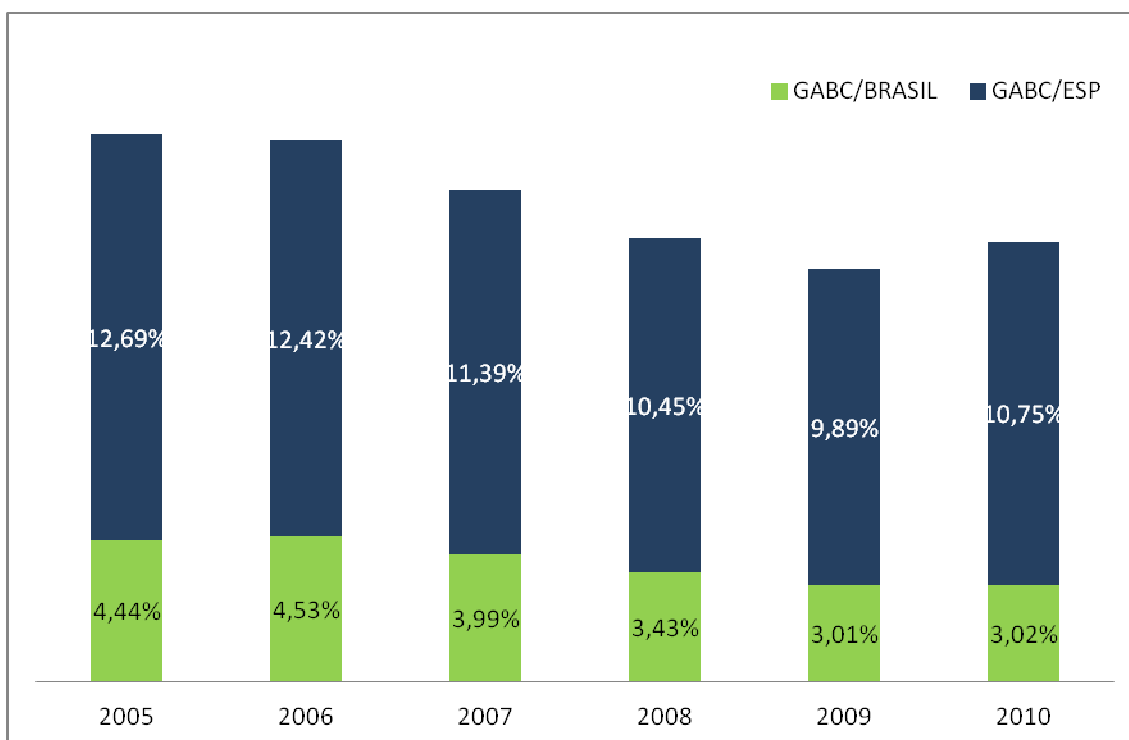


Figura 2: Participação relativa do GABC no total das exportações do estado de SP e do Brasil, 2005 a 2010
 Fonte: MDIC/SECEX

A participação dos municípios no total das exportações é bastante heterogênea principalmente pelo fato de São Bernardo do Campo, cidade que abriga quase todas as montadoras da região, responder por 65% das exportações. São Caetano do Sul e Santo André, juntas, respondem por um quinto do total. Em relação ao ano de 2005, São Bernardo do Campo e Mauá foram os únicos municípios que perderam participação no total dos municípios.

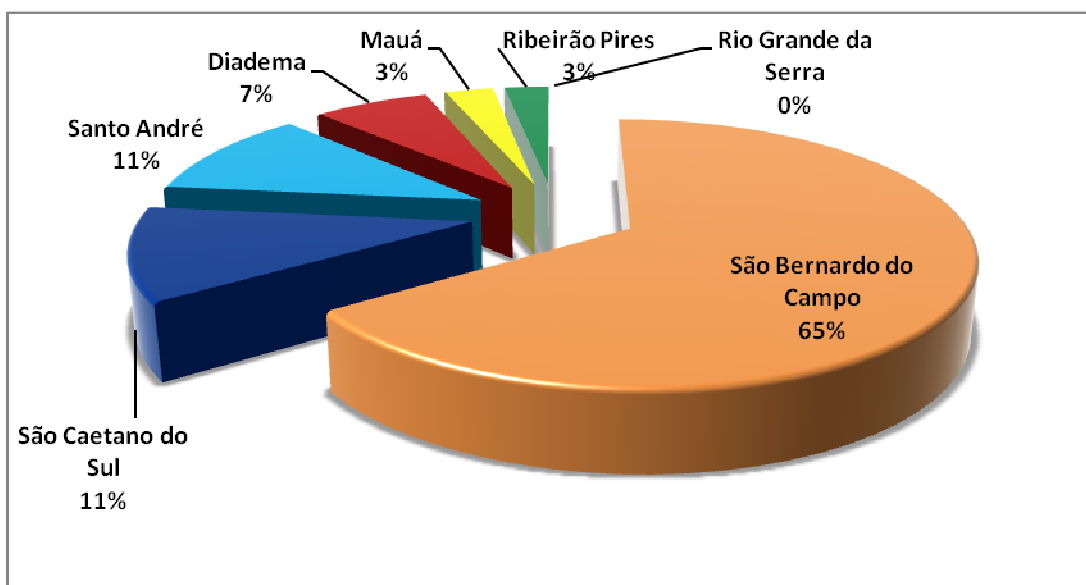


Figura 3: Participação relativa dos municípios no total das exportações do GABC, 2005 a 2010

Fonte: MDIC/SECEX

A pauta de exportação da região do Grande ABC é bastante diversificada para a maioria dos municípios. Existe incidência de pauta concentra em poucos produtos nos municípios de Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra. Em Ribeirão Pires, o principal produto da pauta, cartuchos para espingarda, responde por 80% do valor exportado e em Rio Grande da Serra, freios e partes para tratores e veículos respondem por 62% do valor exportado.

Em Diadema, onde estão instaladas empresas ligadas ao setor de autopeças, como fabricantes de extintores, por exemplo, concilia a estrutura produtiva ligada à cadeia automotiva com a cadeia de cosméticos. Portanto, era de esperar uma pauta de exportação bastante diversificada, sendo que os cinco produtos mais exportados responderam por apenas 20% do valor total exportado no ano 2010.

Mauá, por causa, da empresa ligada ao ramo químico e petroquímico Quattor, controlada pela Braskem, tem a pauta de exportação baseada em copolímeros, propileno e polipropileno. Os cinco produtos mais exportados responderam, no ano 2010, por apenas 17% do valor total exportado.

Em Santo André, os cinco produtos mais exportados no ano 2010 responderam por 58% do total das exportações, sendo que pneus novos para automóveis, ônibus ou caminhões, tubos de cobre refinados estão entre os principais produtos da pauta.

São Bernardo do Campo destacou-se pela exportação de automóveis, tratores e chassis no ano 2010. Os cinco principais produtos da pauta responderam por 47% do valor exportado.

São Caetano do Sul cujas exportações estão ligadas à cadeia automotiva teve, em 2010, cinco produtos respondendo por 59% do valor total exportado, sendo que veículos responderam por 37% do valor.

5. Importações

No período 2005 a 2010 as importações do Grande ABC saltaram de US\$ 2,9 milhões para US\$ 5,2 milhões o que representou um crescimento de 76,7%, muito mais expressivo que o das exportações. As importações paulistas e brasileiras também cresceram significativamente, 122% e 147%, respectivamente, durante o mesmo período.

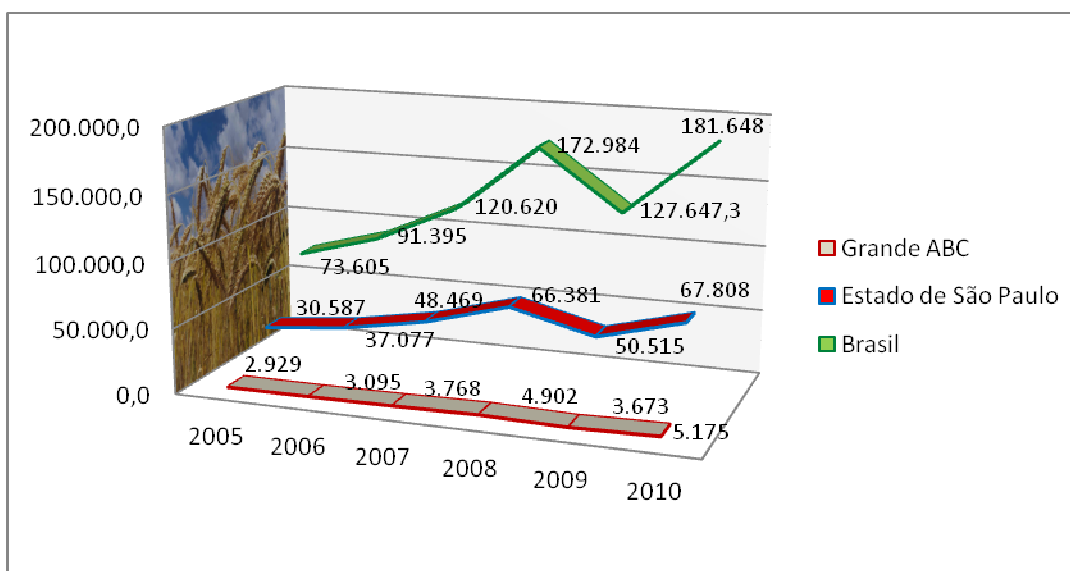


Figura 4: Importações (em milhões US\$ FOB), Grande ABC, Estado de São Paulo e Brasil, 2005 a 2010
 Fonte: MDIC/SECEX

Diferentemente do que ocorreu com as exportações, as importações no ano 2010 já estavam num patamar mais elevado que a do ano 2009 quando houveram efeitos da crise. Isso se verifica com as importações brasileiras, paulistas e, também, da região do Grande ABC.

Do total importado em 2010, o Município de São Bernardo do Campo foi responsável por 58% do total enquanto Santo André e Mauá foram responsáveis por 13% e 12% do total, respectivamente. Diadema, São Caetano do Sul, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra, juntas, importaram o equivalente q 19% do total das importações do Grande ABC.

A participação relativa do Grande ABC no valor das importações tem diminuído ao longo do período 2005-2010. Em relação ao Estado de São Paulo, enquanto no ano 2005 o Grande ABC respondia por 3,98% das importações paulistas, no ano 2010, a participação da região caiu para 2,85%. Em relação ao Brasil, em 2005, o Grande ABC respondia por 10% das importações brasileiras e no ano 2010, a participação caiu para 7,6%. Esses números sugerem que outros municípios estão intensificando as relações comerciais com o resto do mundo.

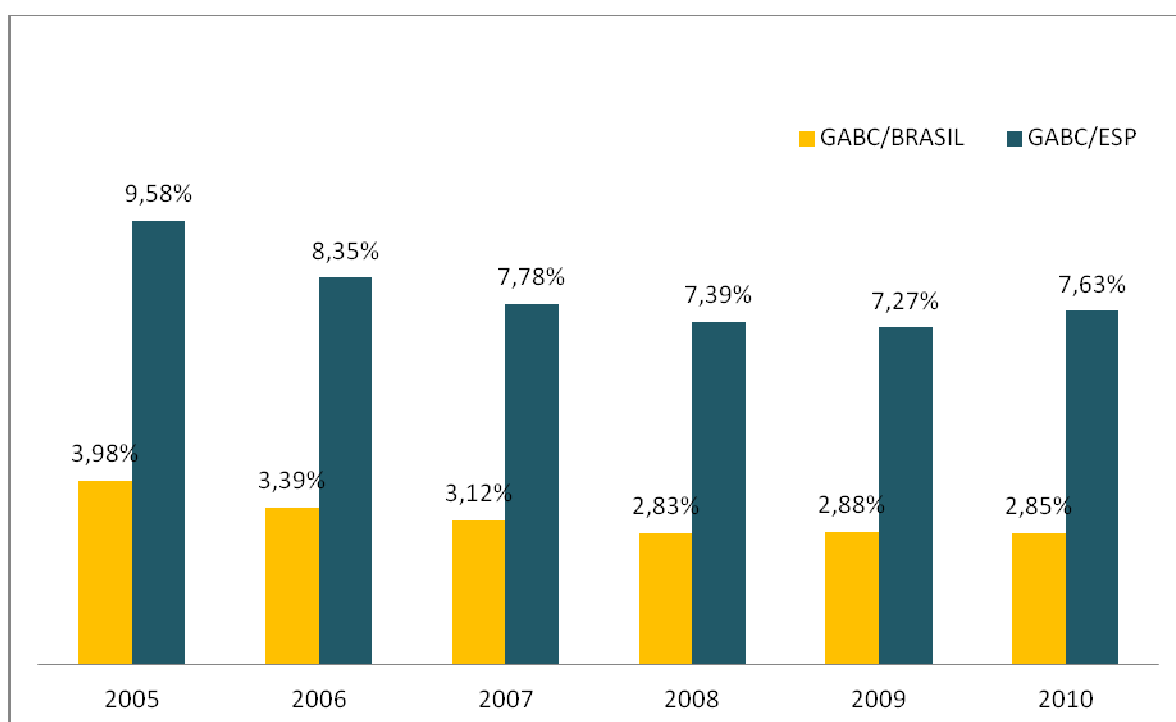


Figura 5: Participação relativa do GABC no total das importações do estado de SP e do Brasil, 2005 a 2010
Fonte: MDIC/SECEX

A tendência de diminuição da participação relativa é anterior a crise de 2008, não podendo, portanto, assim como no caso das exportações, atribuir a ela, os efeitos negativos das relações comerciais internacionais.

6. Balança comercial

No período 2005-2010 destaca-se o fato do Grande ABC apresentar saldo positivo na balança comercial, apesar da tendência de diminuição a partir do ano 2006. Durante esse período o saldo caiu pela metade. Enquanto no ano 2005 o superávit era de US\$ 2,3 bilhões, no ano 2010, o superávit caiu para US\$ 931 milhões.

A balança comercial do Estado de São Paulo estava superavitária no ano 2005 em US 10,8 bilhões. Em 2008 ocorre um déficit de US\$ 1,3 bilhão e em 2010, esse déficit aumentou para quase US\$ 11 bilhões.

O saldo da balança comercial brasileira manteve-se superavitário durante o período 2005 a 2010. O auge desse superávit foi no ano 2006 quando a diferença entre exportações e importações significou um superávit de US\$ 46 bilhões para o país. No entanto, no ano seguinte, observa-se tendência de diminuição do superávit comercial chegando a US\$ 20,3 bilhões no ano 2010.

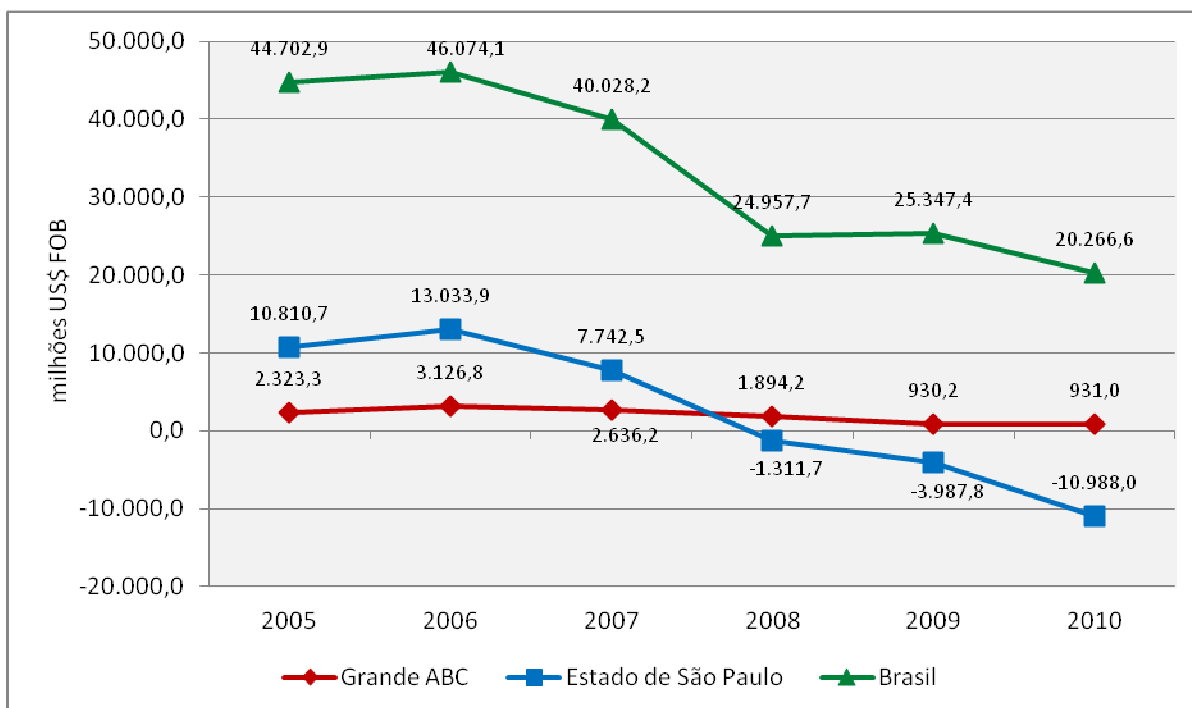


Figura 6: Saldo da balança comercial (em milhões US\$ FOB), Grande ABC, Estado de São Paulo e Brasil, 2005 a 2010

Fonte: MDIC/SECEX

Ao longo de todo o período 2005 a 2010 apenas dois municípios da região apresentaram déficit na balança comercial: Diadema e Rio Grande da Serra. Santo André apresentou déficit apenas no ano 2007 enquanto Mauá teve déficit registrado nos anos 2009 e 2010. Destaca-se diminuição do superávit no município de São Bernardo do Campo enquanto São Caetano do Sul teve aumento no saldo da balança comercial.

Tabela 2: Saldo da balança comercial (em milhões US\$ FOB), Grande ABC, Estado de São Paulo e Brasil, 2005 a 2010

Localidades	2005	2006	2007	2008	2009	2010	Var. (%) 2005-2010
São Bernardo do Campo	1.922,1	2.667,9	2.111,7	1.824,4	766,6	993,5	-48,3
São Caetano do Sul	169,4	164,4	340,7	329,3	210,4	358,4	111,6
Santo André	61,7	210,8	177,7	-25,2	184,8	5,9	-90,4
Diadema	-37,6	-144,4	-234,8	-336,5	-230,6	-65,9	75,5
Mauá	152,0	177,9	174,0	29,7	-87,4	-455,3	-399,6
Ribeirão Pires	57,1	51,4	70,6	81,2	92,7	100,1	75,2
Rio Grande da Serra	-1,4	-1,3	-3,7	-8,7	-6,4	-5,8	321,2
Região do Grande ABC	2.323,3	3.126,8	2.636,2	1.894,2	930,2	931,0	-59,9
Município de São Paulo	142,2	672,4	-1.166,3	-1.023,2	-3.448,8	-7.857,2	-5626,5
Estado de São Paulo	10.810,7	13.033,9	7.742,5	-1.311,7	-3.987,8	-10.988,0	-201,6
Brasil	44.702,9	46.074,1	40.028,2	24.957,7	25.347,4	20.266,6	-54,7

Fonte: MDIC/SECEX

7. Corrente de comércio

A corrente de comércio, formada com a soma das exportações e importações, constitui um importante indicador ao passar uma noção geral de transação econômica, independentemente de resultar em entrada ou saída de moedas estrangeiras.

No Grande ABC, a corrente de comércio saltou de um total de US\$ 8,2 bilhões em 2005 para US\$ 11,3 bilhões em 2010, o que representou um avanço de 37,9%. Seguindo o comportamento da corrente brasileira, municípios como São Caetano do Sul e Ribeirão Pires tiveram sua corrente comercial dobrada ao longo desse mesmo período. No estado de São Paulo o avanço foi de 73%.

Tabela 3: Corrente de comércio, Grande ABC, Município de São Paulo, Estado de São Paulo e Brasil

Localidades	2005	2006	2007	2008	2009	2010	Var. (%) 2005-10
São Bernardo do Campo	5.425,3	6.315,0	6.470,1	7.156,2	5.101,6	6.988,8	28,8
São Caetano do Sul	494,8	483,8	767,9	1.081,8	667,7	1.040,8	110,4
Santo André	1.019,5	1.180,1	1.360,9	1.570,4	1.085,4	1.333,2	30,8
Diadema	612,4	634,5	755,1	899,8	611,7	890,5	45,4
Mauá	546,2	613,4	679,4	813,1	632,9	803,6	47,1
Ribeirão Pires	77,5	85,3	133,6	168,1	169,1	217,5	180,6
Rio Grande da Serra	5,8	6,5	6,3	9,9	8,7	6,8	17,9
Região do Grande ABC	8.181,5	9.318,6	10.173,2	11.699,3	8.277,1	11.281,2	37,9
Município de São Paulo	11.083,8	13.631,2	15.624,0	21.430,6	15.274,9	20.427,0	84,3
Estado de São Paulo	71.985,8	87.188,2	104.680,5	131.451,3	97.042,2	124.628,7	73,1
Brasil	191.913,9	228.865,3	281.270,0	370.927,2	280.642,1	383.564,0	99,9

Fonte: MDIC/SECEX

A participação do Grande ABC na corrente de comércio do Estado de São Paulo e Brasil diminuiu ao longo do período 2005-2010. Em 2005, o Grande ABC participava com 11,37% na corrente de comércio do Estado de São Paulo e com 4,26% na corrente comercial do Brasil. Já em 2010, a participação cai para 9% e 3% no estado paulista e Brasil, respectivamente.

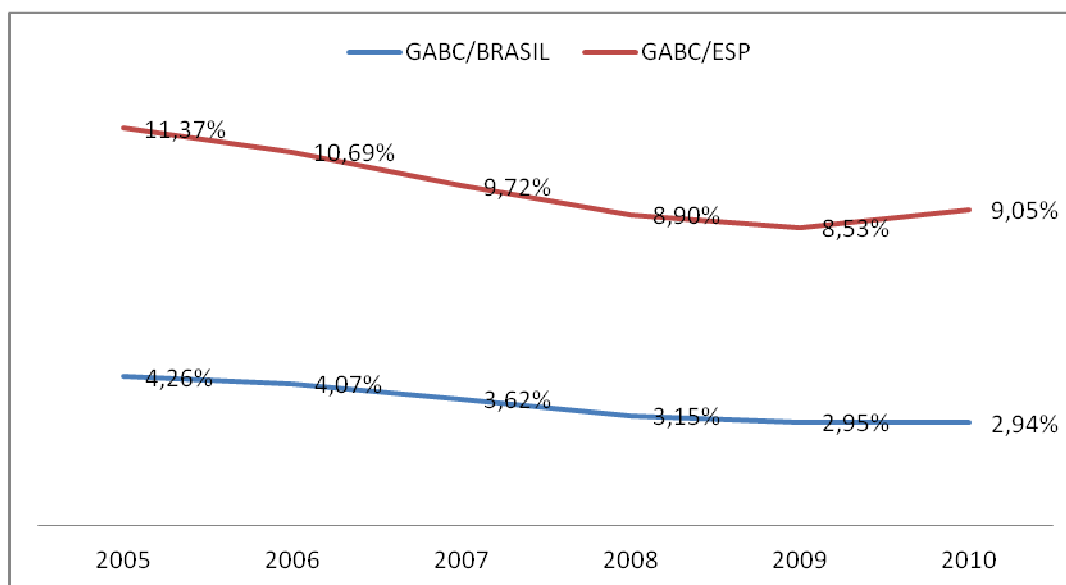


Figura 7: Participação do Grande ABC na corrente de comércio do Estado de São Paulo e Brasil, 2005 a 2010
Fonte: MDIC/SECEX

Ao analisar o comportamento das principais variáveis selecionadas para entender a dinâmica do comércio exterior no Grande ABC, constata-se que tanto as exportações quanto as importações e corrente de comércio tinham tendência de ascendência desde o ano 2005 até o ano 2008 quando inicia a crise financeira internacional. Porém, o saldo da balança comercial tem sua tendência de ascendência interrompida no ano 2006 diante do crescimento mais frenético das importações que o das exportações. Esse comportamento sugere que a taxa de câmbio valorizada, portanto, mais favorável para importações, juntamente com os reflexos da crise de 2008 ajuda a explicar a deterioração do saldo comercial do Grande ABC, do Estado de São Paulo e, também, do Brasil.

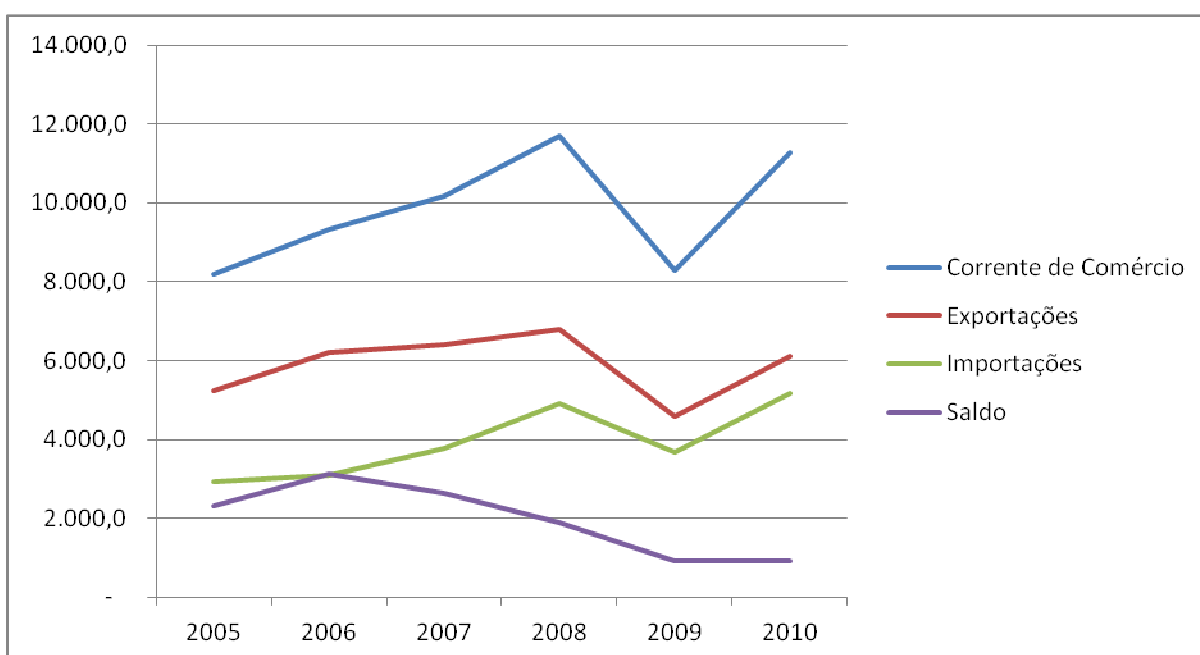


Figura 8: Corrente de comércio, exportações, importações e saldo da balança comercial, Grande ABC, 2005 a 2010

Fonte: MDIC/SECEX

A figura que se segue ilustra o comportamento do índice da taxa de câmbio efetiva real⁴ que apresenta tendência descendente durante o período 2005/10, interrompida somente no final do ano 2008 e início de 2009.

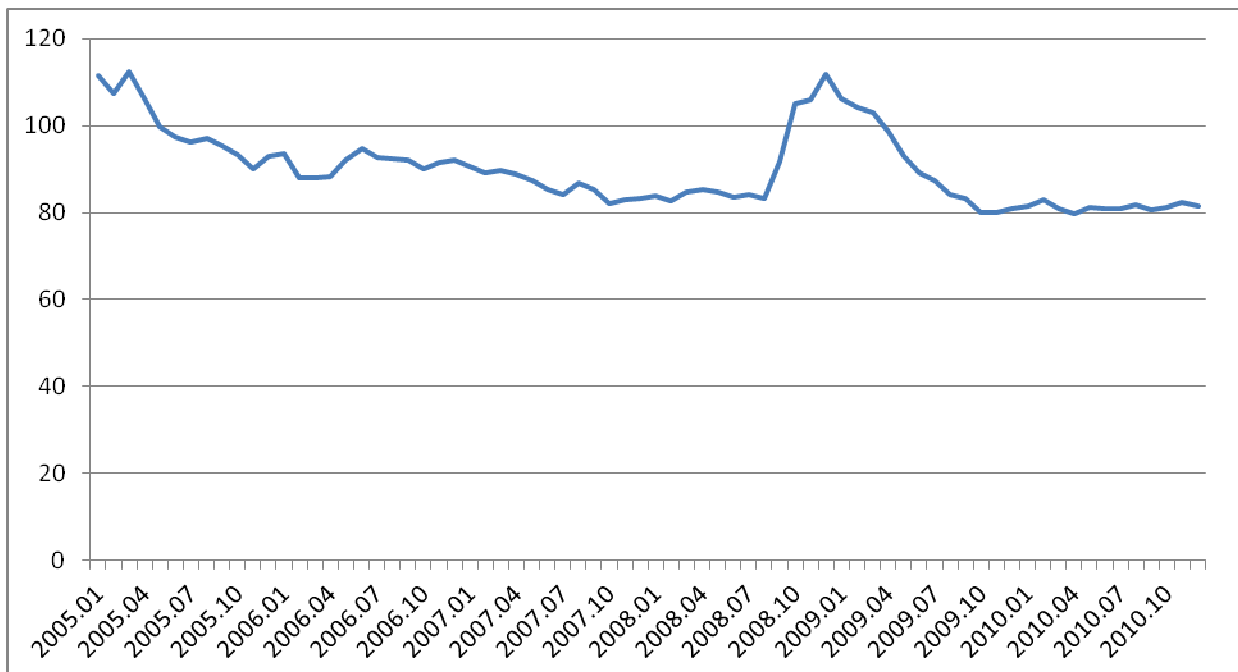


Figura 9: Taxa de câmbio efetiva real, INPC, exportações, índice (média 2005 = 100)
Fonte: IPEADATA

8. Considerações finais

A questão norteadora da pesquisa demandou uma resposta no sentido de exposição da forma pela qual a região do Grande ABC absorveu os impactos da crise financeira e econômica que se iniciou nos EUA em 2008.

⁴ Trata-se de uma medida da competitividade das exportações brasileiras calculada pela média ponderada do índice de paridade do poder de compra dos 16 maiores parceiros comerciais do Brasil. A paridade do poder de compra é definida pelo quociente entre a taxa de câmbio nominal (em R\$/unidade de moeda estrangeira) e a relação entre o Índice de Preço por Atacado (IPA) do país, no caso, o Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC/IBGE) do Brasil. As ponderações utilizadas são as participações de cada parceiro no total das exportações brasileiras em 2001 (IPEADATA).

A região do Grande ABC absorveu, com certa intensidade, os reflexos da crise econômica e financeira do ano 2008 por causa de sua pauta de exportação baseada em produtos da cadeia automotiva cuja demanda internacional foi refreada principalmente no ano 2009. As estatísticas referentes à exportação e ao saldo da balança comercial sugerem que a região ainda não foi capaz de recuperar as cifras anteriores à crise, diferentemente da economia brasileira. Contribuiu para esse comportamento, o crescimento frenético das importações diante da taxa de câmbio favorável para tal.

Ao longo do período 2005-2010, na região do Grande ABC paulista, as exportações cresceram 16%, um crescimento muito abaixo do crescimento das exportações do Estado de São Paulo (37%) e do Brasil (71%). As importações saltaram de US\$ 2,9 bilhões para US\$ 5,2 bilhões o que representou um crescimento de 76,7%, muito mais expressivo que o das exportações. A Balança comercial, apesar de superavitária, mostra tendência de diminuição do saldo a partir do ano 2006.

Apenas dois municípios da região apresentaram déficit na balança comercial (Diadema e Rio Grande da Serra) durante todo o período analisado. Destaca-se tendência de diminuição do superávit de São Bernardo do Campo e tendência de aumento para São Caetano.

A participação relativa do Grande ABC no valor das exportações e importações tem diminuído enquanto a corrente de comércio saltou de US\$ 8,2 bilhões em 2005 para US\$ 11,3 bilhões em 2010, o que representou um avanço de 37,9%. A corrente de comércio do Estado de São Paulo e Brasil avançaram mais que região.

A taxa de câmbio efetiva valorizada explica, em partes, deterioração do saldo comercial do Grande ABC, Estado de São Paulo e Brasil. A explicação para essa deterioração antecede a crise do ano 2008 quando as importações cresciam de forma mais acelerada que as exportações.

Pesquisas relacionadas a iniciativas privadas e governamentais para reverter a deterioração dos indicadores relacionados ao comércio exterior ficam indicadas enquanto recomendação para futuros trabalhos científicos. Essa indicação se justifica, principalmente, devido ao temor

de avanço do processo de industrialização na região do Grande ABC que, segundo alguns pesquisadores, iniciou-se com a reestruturação produtiva e falta de intervenção do poder público nos aspectos econômicos da região durante a década de 1990.

REFERÊNCIAS

AMITRANO, C. R. **O modelo de crescimento da economia brasileira no período recente: condicionantes, características e limites.** *In: A supremacia dos mercados e a política econômica do governo Lula.* São Paulo: Editora Unesp, 2006.

BALTAR, P, E. A. **Trabalho no governo Lula: uma reflexão sobre a recente experiência brasileira.** Global Labours University Working Papers. Paper nº 9, maio 2010. Disponível em: http://www.global-labour-university.org/fileadmin/GLU_Working_Papers/GLU_WP_No._9_portuguese.pdf. Acesso em: 31/10/2011.

CARNEIRO, R. M. (org., 2006). **A supremacia dos mercados e a política econômica do governo Lula.** São Paulo: Editora Unesp, 2006. (p. 9-16)

IPEADATA. Taxa de câmbio efetiva real, INPC, exportações, índice (média 2005 = 100). Disponível em: <<http://www.ipeadata.gov.br/Default.aspx>>. Acesso em: 20/10/2011.

LOPREATO, F. L. C. **Política fiscal: mudanças e perspectivas.** *In: A supremacia dos mercados e a política econômica do governo Lula.* São Paulo: Editora Unesp, 2006.

MDIC/MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR. **Balança comercial brasileira: municípios.** Brasília, 2011. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/sitio/sistema/balanca/>>. Acesso em: 05/08/2011.

MTE/MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. Dados e estatísticas. Disponível em: <http://portal.mte.gov.br/portal-mte/>. Acesso em: 29/09/2011.

PMSBC/Prefeitura do Município de São Bernardo do Campo. **Sumário de Dados 2010: ano-base 2009.** São Bernardo do Campo. Capítulo 03. Disponível em: <http://www.saobernardo.sp.gov.br/dados1/arquivos/sumariodedados/SBC_DADOS_Capitulo03.pdf>. Acesso em: 04/10/2011.

OIT/Organização Internacional do Trabalho. Estudos sobre crescimento com equidade. **Brasil: uma estratégia inovadora alavancada pela renda.** 2010. Genebra, Suíça.

PRATES, D. M. **A inserção externa da economia brasileira no governo Lula.** *In: A supremacia dos mercados e a política econômica do governo Lula.* São Paulo: Editora Unesp, 2006.